



MACHADO, Ida Lucia. “Histórias discursivas e estratégias de captação do leitor.” *Revista Diadorim / Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Volume 10, Dezembro 2011. [<http://www.revistadiadorim.lettras.ufrj.br>]

HISTÓRIAS DISCURSIVAS E ESTRATÉGIAS DE CAPTAÇÃO DO LEITOR

Ida Lucia Machado¹

RESUMO

Este artigo trata do tema “relatos de vida”. O que são tais relatos e como são produzidos? Através de quais gêneros? Ao construir o relato de vida de um indivíduo, os autores são levados forçosamente a construir também o *ethos* deste indivíduo. Ora, o que é um *ethos*? E qual a diferença ou a proximidade do conceito de *ethos* com o conceito de identidade? Eis algumas questões que o artigo busca responder. A partir de uma metodologia comunicativa de análise do discurso (no caso aquela proposta por Patrick Charaudeau) e de uma abordagem das emoções no discurso, será realizada uma análise comparativa em dois excertos de duas biografias de dois diferentes homens políticos (um brasileiro e um francês). Tal análise buscará os pontos em comum e as diferenças que palpitam sob as palavras de duas diferentes autoras, Denise Paraná e Catherine Nay.

PALAVRAS-CHAVE: Relatos de vida; *ethos*; identidade; análise do discurso.

ABSTRACT

This article deals with the theme “Life Stories”. What are they? How are they produced? Through which genres? As an individual’s life story is told, the creation of an *ethos* cannot be avoided by its authors. Now, what is an *ethos*? And what are the differences or similarities between the concept of *ethos* and identity? These are some of the questions that this article aims at answering. From a communicative methodology of Discourse Analysis (in this case, the one proposed by Patrick Charaudeau) and from an approach of the emotions in the discourse, a comparative analysis of two excerpts from two different biographies of two political men (a Brazilian and a French one) will be done. Such analysis intends to find the common points and the differences that are among the words of two different authors, Denise Paraná and Catherine Nay.

KEYWORDS: Life stories; *ethos*; identity; discourse analysis.

.....

1. Professora Associada da FALE/UFMG – Coordenadora do NAD/FALE/UFMG – Pesquisadora do CNPq

Neste artigo abordaremos o tema “relato de vida” sob uma perspectiva analítico-discursiva. Mas o que é uma vida, quando vista através de um relato? Sabe-se que a vida de uma personalidade ou de um ser anônimo pode ser contada de vários modos, pelo discurso escrito ou oral. No segundo caso situamos o trabalho dos antropólogos e historiadores entre outros; lembramos também a função dos “cantadores” de cordel brasileiros. No primeiro caso, temos três gêneros que são os mais usuais²: a autobiografia, a narrativa ou história de vida e a biografia. Embora o objeto desses três gêneros seja o mesmo: o de dar vida -através do discurso – a alguém que existe ou existiu, algumas nuances vão diferenciá-los.

Começamos pela autobiografia. Para facilitar esta proposta de definição, citemos sem mais tardar e a título de exemplo, a autobiografia do escritor francês René de Chateaubriand (*Mémoires d’Outre-tombe*) que, nesse processo de se autocontar, deixou naturalmente transparecer sua subjetividade em relação à “personagem” descrita no seu relato, que não era outra que uma descrição narrativa do próprio autor e de seus sentimentos e crenças. A autobiografia poderia ser comparada ao reflexo do autor em um espelho, sua escrita representando o espelho. A subjetividade que normalmente acompanha um indivíduo, em todos os seus procedimentos comunicativos mostra-se, nesse caso específico, desdobrada, duplicada e realizando um movimento circular. O ser que escreve encontra-se consigo mesmo transformado em “ser de papel” e uma subjetividade projeta-se em outra e vice-versa.

No âmbito de uma comparação com a autobiografia, a história ou narrativa de vida não envolveria esse jogo de subjetividades “espelhado”. Sem dúvida, estamos aqui também diante do relato que um sujeito faz sobre sua vida e suas relações com a sociedade e com o mundo que o rodeiam. Mas, à diferença da autobiografia, na narrativa ou história de vida vemos entrar em cena um novo sujeito, que funciona como uma terceira personagem ou como um “mediador”³ entre o que é dito ou narrado e o que será escrito. Este “mediador” pode ser o futuro narrador- escritor, narrador-historiador, narrador-antropólogo, narrador-analista do discurso, narrador- jornalista. Dentro do texto que se produz pela fala de um e pela escuta e escrita do outro, vários sujeitos se exprimem.

Quanto à biografia, vemos aí um narrador-escritor que toma o relato ou a história de vida de um determinado sujeito e a reproduz mais ou menos livremente, podendo ou não acrescentar ao seu

2. Na época atual, assistimos ao grande sucesso da Internet neste domínio: todo ser humano pode sair de seu anonimato ao se conectar com Internet e dar suas opiniões sobre este ou aquele assunto ou simplesmente ao tornar públicos seus diários. Como não é esta a proposta deste artigo, então não falaremos deste meio comunicativo bastante em voga entre jovens e menos-jovens do planeta...

3. Nesse sentido, apreciamos muito as ideias de M. Vuillaume (1990, p. 60-63) quando o teórico propõe que consideremos a existência de uma “ficção secundária” no interior de uma obra escrita. Fariam parte dos personagens dessa ficção o leitor e o narrador. Este “terceiro” ou “mediador” por nós citado poderia – em certos casos específicos que envolvem o pesquisador e seus objetivos - se encaixar com o narrador de Vuillaume, em seu mundo de papel, em suas ações nessa “ficção secundária”.

discurso (além da “voz”⁴ do biografado) a de outras pessoas que o conhecem ou o conheceram. Para nós, um bom exemplo para tal tarefa seria a do escritor Fernando Morais, com seus livros que contam vidas como as de Olga Benario Prestes ou Assis Chateaubriand. A biografia absorve, de algum modo, a “narrativa de vida” ainda que esta seja orquestrada pelo olhar do escritor-narrador-biógrafo. A história individual de um ser que viveu e lutou como tantos outros se encontra aqui com a grande História ou com a história coletiva de um grupo social ou de um povo.

Ao realizar este tipo de produção escrita, o escritor opera também um trabalho que envolve a seleção das “vozes” que vão se manifestar em seu texto e, além disso, muitas vezes, faz traduções de uma língua para outra, como as que notamos no supracitado livro *Olga*, onde Morais passa da língua nativa de Olga (o alemão) para o relato em português e de tal forma que o resultado final nos parece muito bem “costurado”, sem a presença de “falsos pontos” que poderiam comprometer essa passagem. Existem outras “passagens” é claro, tal como a do discurso oral para o escrito ou as transcrições de enunciados do discurso direto em discurso indireto ou em discurso relatado.

Ainda que as diferenças entre os três gêneros sejam bem nuançadas, acreditamos que é importante enfatizá-las, pois, no presente artigo iremos ousar e “transgredir” de certo modo o que foi dito e isso por meio da “reunião” de dois dos supracitados gêneros, no caso, a narrativa de vida e a biografia. Faremos esta associação por considerar, sobretudo, que tanto um quanto outro gênero trazem a nós leitores, informações escritas sobre dois políticos que vivem no mesmo século e cuja história discursiva é objeto de nossas atuais pesquisas. Mas o que seria uma “história discursiva”? Apenas um sintagma que propomos para operacionalizar melhor o papel da análise do discurso e de alguns de seus tópicos nesse tipo de narrativa. Assim, o que chamamos “história discursiva” se referirá ao relato que incorpora tanto dados reais quanto fictícios em uma narrativa cujo objetivo será o de contar a vida pessoal de alguém, sempre levando em consideração que as vozes que se exprimem nesses relatos trazem em si outras vozes que deixam o individual para se incorporar a um social coletivo e ideológico. E tais histórias se abrem assim, mais ainda, para a entrada de outras vozes: a de seus relatores e a de seus biógrafos. Em suma, uma história discursiva seria aquela que compreenderia um concentrado de vozes (tanto as expostas quanto às que se sobrepõem a elas ou as atravessam); logo ela seria forçosamente polifônica, no sentido que Bakhtin dá ao termo e como o próprio nome indica estaria ligada a um discurso expresso em determinada época, em determinadas circunstâncias e em um determinado contexto social e histórico. E seria um instrumento de trabalho para os analistas do discurso. Adotaremos assim esse sintagma para discorrer sobre as narrativas que dizem respeito aos dois sujeitos objetos de nossa observação neste artigo.

4. “Voz” no sentido da palavra oral e também do escrito testemunhal.

Na história discursiva pululam vários *ethe*. Ela se presta a tais construções, principalmente à construção dos *ethe* daqueles que são retratados. Cada retrato sofre transformações como se fosse colocado sob um moderno aparelho (*fotoshop*) que tenta consertar defeitos, minimizar traços muito duros de uma fotografia “normal”. Aquele que se dispõe a contar sua vida ou que deixa outra pessoa fazer isso em seu lugar sabe que deve apresentar um *ethos* convincente ou pelo menos interessante porque senão ele não será o objeto de um livro. E a construção de um *ethos* é algo que merece nossa atenção. Abordaremos tal assunto no próximo segmento, ainda que de forma panorâmica, ao tentar conjugar tal noção com a de identidade.

Entre *ethos* e identidade: entre o “parecer” e o “ser”

Um dia ou outro, todo ser humano sente a necessidade de construir um *ethos* que possa representá-lo em determinadas circunstâncias de sua vida. Se examinarmos essa construção a partir de uma perspectiva sócio-cultural e também psicossocial, veremos que ela tem algo a nos dizer sobre a sociedade em que vive o ser retratado ou que se relata, sobretudo em relação aos seus hábitos, ideologias e também aos seus fantasmas.

Criar ou aceitar o *ethos* de um indivíduo que ainda vive e fixá-lo no interior de um livro não deve ser uma tarefa fácil para quem realiza tal proeza. É um salto no escuro... O escritor-narrador para começar, é um sujeito múltiplo, pois à sua voz, ao seu estilo, ele acrescenta a voz e o estilo do seu objeto de estudos, o indivíduo biografado. E, se este é vivo, logo, como todo ser humano, pode mudar de um momento para outro. Assim, acreditamos que todo escritor que se lança na aventura de escrever uma biografia corre os mesmos riscos que um equilibrista em uma corda bamba. O que ele diz ou afirma sobre o biografado será realmente confirmado, nos anos que se seguirão à publicação de seu livro? O *ethos* que ali é apresentado corresponde à qual verdade do indivíduo? Pois existem inúmeras verdades: a que eu penso ter e as que meus interlocutores sentem em mim...

Um *ethos*, para Barthes nada mais é que “uma co-notação: o orador enuncia algo e ao mesmo tempo em que enuncia diz: Eu sou isso, Eu não sou aquilo...” (1970, p. 212).

Tomando esta definição como ponto de partida, nela notamos a presença de um desejo, por parte do ser humano, de “parecer ser” isto ou aquilo, de se mostrar pela fala, pelo discurso. Mas, dentro de um raciocínio psicossocial, acreditamos também que outros fatores podem ajudar a compor o *ethos*, acompanhando o discurso. Na verdade para Maingueneau tal definição depende de uma “decisão teórica”, ou seja:

[...] saber se se deve relacionar o *ethos* ao material propriamente verbal, atribuir poder às palavras, ou se devem integrar a ele – e em quais proporções – elementos como as roupas do locutor, seus gestos, ou seja, o conjunto do quadro de comunicação. O problema é por demais delicado, posto que o *ethos*, por natureza, é um comportamento que, como tal, articula verbal e não-verbal, provocando nos destinatários efeitos multi-sensoriais. (MAINGUENEAU, D., 2008, p.16)

Ressaltamos que Maingueneau vai após tal reflexão apresentar o seu conceito de *ethos*. Mas, o que foi dito acima conforta nosso olhar sobre o fenômeno: estamos nos posicionando dentre de uma análise do discurso comunicativa e que preza os aspectos psicossociais da comunicação. Seja como for, um *ethos* não carrega necessariamente em si a noção de “verdade verdadeira”, de representação da “essência” da pessoa: mas, se ele é algo que pode ser projetado como uma imagem, ele é mais que uma imagem: é o fruto mais ou menos consciente de uma construção languageira e envolve um determinado comportamento social. Nessa perspectiva, vários *ethes* são suscetíveis de coexistir em um mesmo indivíduo, aqueles que ele tenta passar e os que lhe são recebidos ou remodelados por seus interlocutores, por exemplo. Dentro do processo ou das trocas comunicativas de um universo sócio-discursivo, o *ethos* é assim interativo.

Em nossa opinião, o *ethos* não deve ser confundido com a identidade. O *ethos* é discursivo e logo ele pertence ao “parecer” e nesse ponto recorreremos à opinião de Barthes citada há algumas linhas atrás. Já a identidade é constituinte de um sujeito e mesmo se esta mudar aqui e ali, devido a fatores diversos que a vida pode impor, ela constitui o “ser” do sujeito. Mas, a sociedade impõe que este “ser” coloque muitas diferentes máscaras do “parecer”. Ou seja: a identidade assume *ethos* que podem ser diferenciados desta, sobretudo, se pensarmos que ele é uma representação discursiva por excelência, repetimos. Citemos um exemplo: vários representantes de diferentes igrejas podem adotar um *ethos* humilde em sua fala cotidiana. Mas isso não quer dizer que, em suas identidades, eles sejam realmente humildes. A título de curiosidade, citamos aqui o famoso “Abbé Pierre”, um religioso francês que se dedicou durante toda sua vida à causa dos pobres e marginais, realizando um belo trabalho social. As mídias sempre nos lembravam, no entanto, que ele era uma pessoa de trato difícil, um tanto quanto áspero em sua maneira de se exprimir, como se isso não fosse permitido em sua classe de homem religioso, representante da igreja católica... Ou seja, esperava-se desse padre um *ethos* humilde que ele, no entanto, não fazia questão de mostrar. E isso chamava a atenção de uns e outros...

No âmbito do *ethos* versus *identidade*, o ideal é que haja uma boa conjugação entre ambos. Mas são muitos os casos em que certos *ethes* cuidadosamente mantidos se choquem um dia ou outro com

aspectos da identidade real de certos indivíduos, por um acontecimento inesperado. Em tais casos, talvez os ethe fossem por força das circunstâncias, por demais forjados, burilados, arquitetados de modos por demais estratégicos sobre identidades completamente opostas a essa construção.

Um documento que visa a relatar a vida de um indivíduo compreende, pois, a construção de um *ethos* que tanto pode ser negativo ou positivo, conforme a intenção daqueles que escrevem⁵.

No âmbito desse artigo iremos abordar discursos que relatam a vida de dois homens políticos de nacionalidades e ideologias diferentes, através de trechos que escolhemos em dois livros: *Lula o filho do Brasil* (2009), de Denise Paraná e *Un pouvoir nommé désir* (2007) da escritora e jornalista política francesa Catherine Nay. Vejamos a questão mais de perto no próximo segmento, onde também observaremos as coincidências ou não-coincidências entre o *ethos* e a identidade das personalidades retratadas nos livros: o ex-presidente do Brasil, Luiz Ignácio Lula da Silva e o atual presidente francês, Nicolas Sarkozy.

Breve análise de duas histórias discursivas de dois políticos

O livro *Lula, o filho do Brasil* (2002) escrito por Denise Paraná foi construído obedecendo às regras que gerem pesquisas que trabalham sobre a construção de uma “história de vida” e, logo, é um livro composto por diversas entrevistas feitas pela autora com Lula e com membros de sua família⁶. Nelas, a palavra do ou dos entrevistados é o que conta e a narradora do livro –ou o sujeito-entrevistador – não tenta modificá-la ou opinar sobre ela. Em 2009, a mesma autora lança um outro livro sobre o mesmo assunto, e com o título *A história de Lula, o filho do Brasil*. Expliquemos: o segundo livro é quase que um “recorte” do primeiro: trata-se de sua versão mais curta e que pôde funcionar como base para o cenário de um filme que foi feito sobre Lula⁷. Nele, as entrevistas desapareceram para dar lugar à narrativa. A autora, mais livre dos limites que o gênero “entrevista” lhe impôs, pode discorrer sobre a vida de Lula e seus familiares e assumir os ditos de “outrem”, incorporando-os aos seus.

Como vamos trabalhar seguindo as normas de uma análise comparativa de discursos, acreditamos que o livro “reduzido” se preste melhor a este trabalho, sobretudo, se confrontarmos a narrativa

5. Aristóteles na certa ficaria triste ao ver as derivações que seu conceito de *ethos* acabou por sofrer no mundo discursivo moderno... Na verdade certos conceitos aclimatam-se à época em que voltam à baila: tal é acreditamos o destino do *ethos*.

6. Note-se também que o livro tem uma parte intitulada “A busca de uma história” (p.353-486), onde Paraná reflete e explica sua trajetória de pesquisadora, além de fornecer informações e dados importantes para todos aqueles que se interessam pelo assunto.

7. O filme foi dirigido pelo cineasta Jayme Monjardin com o título “Lula o filho do Brasil” e nele Paraná exerceu também o papel de corroteirista.

de Paraná com a da escritora e jornalista política Catherine Nay cujo livro tem como objeto de análise Nicolas Sarkozy, o atual presidente francês.

Gostaríamos de ressaltar que estaremos aqui seguindo uma análise discursiva comunicativa, proposta por Patrick Charaudeau, desde 1983. Dentre os vários conceitos desta análise, nosso olhar privilegiará, em primeiro lugar, o que o teórico chama de *efeitos de gêneros ou estratégias de captação* (CHARAUDEAU, 1992, p. 698) do “público-leitor” utilizadas tanto por uma quanto por outra autora nas histórias discursivas em pauta. Envolveremos essas duas facetas de análise pelo princípio das emoções no discurso (BRAUD, 2007).

Entendemos que trazer emoções para um discurso escrito ou falado é uma poderosa arma de sedução que tanto pode funcionar de modo positivo como negativo. A emoção, quando mal dosada, fatalmente aponta para o falso, para o ridículo, para a hipocrisia: ela aí é mais tentativa de manipulação ou desejo obsessivo de fazer passar certas ideias bem pessoais a um auditório múltiplo. Porém, se bem dosada, a emoção expressa em um discurso pode aparecer como sinônimo da subjetividade do indivíduo objeto-de-estudo, no caso, aquele que é “biografado”. Mas, nos dois casos, acreditamos que não é fácil lidar com esse tipo de argumento, pois, para nós, saber “bem colocar” a emoção é saber argumentar bem, é influenciar o outro de um certo modo, digamos, mais sedutor e menos contundente que aquele, por exemplo, da argumentação lógica ou extremamente racional.

Não estamos dizendo nada de novo. Já vimos nos Clássicos gregos e latinos estudos sobre o uso da emoção no discurso. Mesmo assim, acreditamos que a análise do discurso, em meio a tantas encruzilhadas metodológicas, pode assumir esta via como bem o mostram trabalhos recentes nesse domínio.

Nesse artigo, empregaremos então dois trechos que tratam de um assunto específico nas vidas de Lula e de Sarkozy: a presença ou a ausência do pai. Para tanto, observemos os dois excertos abaixo:

[i] Aristides [pai de Lula] mandava de vez em quando algum dinheiro para o sertão. Também enviava e recebia notícias através de cartas que seus amigos alfabetizados ajudavam a escrever e entender. Cinco anos depois da ida para Santos, ele decidiu visitar sua terra. Havia tirado a sorte grande no jogo do bicho e podia dar-se o luxo.

Numa tarde de 1950, quando tinha 5 anos, Lula viu um homem desconhecido entrar em sua casa. Lindu [mãe de Lula] contou que aquele era seu pai. Os irmãos mais velhos o reconheceram. Para Lula aquele estava longe de ser um momento de emoção. Lindu era pai e mãe. Até então, o pai não fazia falta.

Sem nenhum constrangimento, Aristides chegou com duas crianças, os filhos que teve com Mocinha [parente da mãe de Lula]. Os irmãos de Lula olhavam espantados para seus meios-irmãos. Não porque o pai tivesse outra família. Mas porque as crianças usavam roupas que eles consideravam maravilhosas. Invejaram suas camisas, meias, sapatos. Foi por isso que Vavá e Frei Chico [irmãos de Lula] decidiram levar os dois para conhecer os segredos do sertão. Lição número um: os efeitos da urtiga sobre a pele. Se os meninos se vestiam como príncipes, era bom que conhecessem as dores de seus serviçais.

Lindu olhou apenas o lado bom da visita de Aristides e acolheu os meninos que ele trouxe. E não se sabe se foi por amor ou por acreditar que devia obediência ao marido que ela entregou seu corpo a ele. Com ou sem mágoa, com ou sem prazer, voltava aos braços de seu homem. E não demorou a sentir que estava grávida. Mas as horas estavam contadas e novamente Aristides partiu.

Sua segunda partida foi ainda mais dura para Lindu. Chorando atrás da porta, ela viu Aristides levar Jaime, o filho que tanto amava e que, aos 12 anos, mais a ajudava. Tempos depois, Zé Cuia seguiu o mesmo caminho. Lindu estava sozinha mais uma vez. E mais uma vez com um filho por vir. (PARANA, Denise. A história de Lula, o filho do Brasil. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009, p. 39-40).

[2] Portas que batem, vozes alteradas, ele grita e ela chora. Barulhos feios que as crianças esconderam na parte mais profunda de suas memórias. Sem jamais poder se livrar completamente deles. E depois, um dia, o trovão parou de ecoar e os raios pararam de cair. Acabou. Mas não foi ele, o pai, quem partiu, foi ela, a mãe quem arrumou as malas. Já sem paciência, incapaz de suportar por mais tempo as mudanças de humor, as ausências e as humilhações de seu marido, um incorrigível Don Juan. Talvez ela o amasse ainda? Mas quando as coisas chegam a um certo ponto, aí também já é demais! Então, ela foi embora, levando com ela os meninos. Os três: Guillaume, de oito anos, Nicolas, de quatro anos e François, um bebê. O pai? Era Pal Sarkozy de Nagy Bocsá. Um aristocrata. Bonitão, com um belo porte, um sorriso sedutor, uma voz doce. Aparentemente, alguém que tinha tudo para agradar e tinha também uma longa história atrás de si.

Vindo da Hungria, desse meio impreciso da Europa, palco de tantos conflitos, dramas e romances, país cuja geografia foi amputada, povoado por seres falando uma língua de origens obscuras, por príncipes e heróis lendários: Arpad e seus guerreiros, os Magiares, os Habsburgs...

Pal Sarkozy pode ocupar em um lugar privilegiado neste quadro de furor e mudanças bruscas. No século XVI, seus ancestrais se destacaram na luta contra os invasores turcos. Um deles, Michael, foi capturado e massacrado. Eles [os húngaros da família de Pal Sarkozy] defendiam sua religião, suas terras, seu rei.

Para recompensar sua bravura, eles [os ancestrais do pai de Sarkozy] tiveram, em 1628, sua ligação com a nobreza renovada por Ferdinando II, imperador da Áustria e rei apostólico da Hungria. E receberam assim do rei suas armas representadas por brasão: um lobo armado de uma cimitarra (o que daria um esplêndido cartaz em uma campanha presidencial!).

Estranha, mas, no fundo, pouco surpreendente coincidência: quatro séculos mais tarde, um dos descendentes desta família, chamado Nicolas, assumirá também o combate contra os turcos, opondo-se a entrada destes na Comunidade Européia... (NAY, Catherine. Um poder chamado desejo (Un pouvoir nommé désir). Paris : Grasset, 2009, p. 20-22).⁸

8. Tradução nossa, feita exclusivamente para fins de análise para o presente artigo, do excerto em francês: “Des portes qui claquent, leurs voix qui s’élèvent et lui qui hurle, et elle qui pleure. De méchants bruits que les enfants ont enfouis au plus profond de leur mémoire. Sans jamais s’en débarrasser vraiment. Et puis, un jour, le tonnerre à cessé de gronder et la foudre de s’abattre. Il n’était plus là

Mais ce n’est pas lui, le père, qui est parti, c’est elle, la mère qui a fait ses valises. A bout de patience, incapable de supporter plus longtemps les emportements, les absences et les affronts de son mari, un incorrigible cavaleur. Peut-être l’aimait-elle encore ? Mais trop, c’était trop ! Alors elle s’en est allée, emmenant avec elle les garçons. Les trois : Guillaume, huit ans, Nicolas, quatre ans, et François, un bébé.

Le père ? c’est Pal Sarkozy de Nagy Bocsa. Un aristocrate. Belle gueule, fière allure, sourire enjôleur, timbre de miel. En apparence, tout pour plaire, et toute une histoire aussi.

Venu de Hongrie, cet imprécis milieu d’Europe, théâtre de tant de conflits, de dramas et des romans, un pays à la géographie amputée, peuplée d’êtres parlant une langue aux origines obscures, des princes et des héros de légende : Arpad et ses guerriers, les Magyars, les Habsbourg...

Pal Sarkozy peut figurer en bonne place dans ce tableau de fureur et de chambardements. Au XVIe siècle, ses ancêtres s’illustrèrent dans la lutte contra les envahisseurs turcs. L’un d’eux, Michael, fut capturé et massacré. Ils défendaient leur religion, leurs terres, leur roi.

Transcrevemos dois excertos que mostram o « começo » ou a base da construção da personalidade de dois homens cujas vidas se viram, a partir de um dado momento, ligadas à ação política; ambos os excertos destacam nessa construção de identidades, a figura do pai e sua importância. Acreditamos que houve, por parte das duas autoras, um trabalho consciente de elaboração dos ethe dos dois pais em questão, figuras ausentes ou semipresentes na vida dos futuros presidentes (brasileiro e francês) e que essa construção visa a tocar, propositalmente, tal domínio. Assim, tanto Lula quanto Sarkozy são indivíduos que foram submetidos a uma cisão desde sua mais tenra infância, à sensação de abandono do pai e à preponderância da figura materna. O que nos leva a lembrar Lacan que disse que “a sensação de culpa está ligada, ao mesmo tempo, ao desejo e ao pai, pois desejo e Lei (no caso, a Lei paterna), são uma única e mesma coisa” (VANIER, Alain, 2002, p.39). Resumindo bem, o pai

[...] é sempre algo incerto. Se os laços biológicos que ligam a criança a sua mãe são certos, os que a ligam a seu pai são fundados pelas e através das instituições, da cultura. Lacan faz do pai uma função. O pai tem, para começo da história, uma função separadora: é ele quem transmite a proibição do incesto entre a criança e sua mãe. Esta função permite que a criança não fique completamente assujeitada ao domínio materno. (VANIER, Alain, 2002, p. 85)

Quase órfãos de pais, Lula e Sarkozy, não é difícil imaginar o quanto sofreram e como tiveram que lutar para superar essa falta.

Por outro lado, tal sugestão – a do filho abandonado ou mal amado pelo pai – parece-nos também uma espécie de *topos* da Retórica Clássica, um argumento baseado no “lugar comum” que poderia justificar possíveis falhas (caso estas aparecessem) nas ações futuras desses políticos... Nos dois casos, tanto o brasileiro, quanto o francês, vemos essa menção à figura paterna dotada de uma visada argumentativa implícita: a de provocar uma emoção, a de levar os leitores a se compadecerem diante dessas crianças. “Diante do sofrimento do inocente, a compaixão não se discute. Emoção profundamente humana, ela desarma a crítica e vence o sarcasmo” (BRAUD, 2007, p. 41).

.....

Pour récompense de leur bravoure, ils furent, en 1628, renouvelés dans leur noblesse par Ferdinand II, empereur d’Autriche et roi apostolique de Hongrie. Et dotés par lui d’armoiries : un loup armé d’un cimenterre (qui ferait une très éclatante affiche pour une campagne présidentielle !).

Etrange, mais peu surprenant clin d’œil de l’Histoire, quatre siècles plus tard, un de leurs descendants prénommé Nicolas mènera lui aussi le combat contre les Turcs en s’opposant à leur entrée dans la Communauté européenne... (NAY, Catherine. Un pouvoir nommé désir. Paris: Grasset, 2009, p. 20-22)”

Não deixa de ser interessante e estratégica, pois, essa insistência sobre a figura paterna na vida do ex-presidente brasileiro e na do presidente francês, por parte das duas autoras. No caso de Lula, o pai não lhe dava atenção, Lula contava pouco para ele, o pai era um homem seco e “muito ignorante” – axiológico usado por Lula em entrevista feita a Paraná (2008, p.50). Aristides abandonou sua legítima mulher e sua legítima prole; marido desonesto, que não hesitou em constituir uma outra família, deixando Lula, sua mãe e seus irmãos esperando por ele no sertão, até que a mãe de Lula se decidiu a ir ao seu encontro na grande metrópole de todos os sonhos, São Paulo. Denise Paraná (2009) descreve Aristides, o pai, de modo bem mais seco e rápido que Catherine Nay ao falar de Pal Sarkozy, o pai de Nicolas Sarkozy. O pai de Lula na verdade não foge a um triste “lugar comum” brasileiro: é um homem que se casou, teve vários filhos e os abandonou, como tantos outros pobres miseráveis saídos do sertão brasileiro, homens toscos e “machões”. Paraná insiste sobre o fato de que tal pai, para Lula, “não fazia falta”. Pela desconstrução do *ethos* paterno é forjado assim o futuro *ethos* corajoso do menino Lula.

Quanto a Catherine Nay, seu estilo é sem dúvida, bem mais romanesco e bem mais ligado aos efeitos ficcionais (CHARAUDEAU, 1992, p. 695) que o de Denise Paraná, na descrição do pai de Sarkozy. Chega a ser patético o seu esforço para dourar o brasão dos Sarkozys. Às péssimas qualidades do pai – colérico, com propensão para o adultério, incapaz de se assumir como pai e marido – e isto a um ponto tal que a história de seu livro começa pelo parágrafo que colocamos no excerto. E nele subsiste também, repetimos, a mesma tensão em torno da má presença paterna e de seus efeitos sobre o personagem biografado.

No caso de Lula, “o pai não fazia falta”, já que a mãe era também o pai (PARANÁ, op.cit.) No caso de Sarkozy, a ausência paterna é apresentada de modo implícito, sob o tom de uma narrativa de ficção: “Barulhos feios que as crianças esconderam na parte mais profunda de suas memórias. Sem jamais poder se livrar completamente deles” (trad.nossa).

O leitor se vê assim em presença de um “mistério” próprio da escritura de ficção. Quem faz os barulhos? Por que as crianças têm medo deles? A autora guarda o suspense, como em um “polar” até o princípio do 3º parágrafo, quando surge um ser “de carne e osso”, ser de papel é verdade, mas que realmente existiu: Pal Sarkozy, o belo húngaro. Após essa sua primeira tentativa para desvendar o *ethos* (não-positivo) desse personagem paterno ambíguo, a narradora tenta no entanto recuperar a imagem fugaz do pai do presidente francês. Afinal de contas, se ele era assim tão belo, tinha um porte tão magnífico e – ainda por cima uma ascendência nobre! – como evitar que tal homem fosse um marido infiel, mau pai, etc, etc? Pois foi ele quem passou os valores de virilidade ao filho, bem como foi ele quem sustentou, com seu “sangue”, o brasão familiar, como podemos ver no penúltimo parágrafo do excerto:

Para recompensar sua bravura, eles [os ancestrais do pai de Sarkozy] tiveram, em 1628, sua ligação com a nobreza renovada por Ferdinando II, imperador da Áustria e rei apostólico da Hungria. E receberam assim do rei suas armas representadas por brasão: um lobo armado de uma cimitarra (o que daria um esplêndido cartaz em uma campanha presidencial!) (NAY, op.cit. trad.nossa).

Por trás desse discurso alambicado por histórias ou pseudo-histórias medievais, vemos pulsando, latente, o discurso político. A autora quer fazer-creer ao público leitor que o presidente francês, fruto como todos nós de uma mistura de povos, é, no entanto alguém com origem nobre, mesmo se seu pai agiu de forma tão pouco cavalheiresca com sua mãe, com ele e com seus irmãos. O que conta aqui, “é a voz do sangue” e este é bom, segundo a autora. Ela não se faz de rogada também para se introduzir completamente na narrativa e dar sua opinião pessoal sobre as pseudo-armas ou brasão dos Sarkozys, projetando esse passado tão distante de bravura e grandiosidade na política francesa atual. Sua argumentação é dirigida a um certo tipo de leitores que estarão de acordo com ela, evidentemente. A subjetividade da escritora na construção do *ethos* de Sarkozy é por demais incisiva para ser crível. O espírito de família dos Sarkozy é muito pesado para ser assim exorcizado e dirigido para uma nobre vocação. Como diz Braud (2007, p.134), a bela ideia de uma família unida e harmoniosa (sobretudo no que diz respeito aos regimes políticos) é algo que pertence a um regime semifeudal ou...a regimes totalitários, o que não é o caso aqui, de modo algum! Mas, convenhamos: há algo de “nobreza feudal”, nas palavras com as quais Nay tenta dourar o brasão dos Sarkozys, sobretudo em um país que tem ainda problemas com emigração.

Mas, sejamos justos. A construção do *ethos* da pobre esposa Sarkozy abandonada por seu marido, por maiores que sejam as diferenças culturais e econômicas encontra-se com o caso da mãe de Lula. Mas, se a narrativa da esposa francesa guarda um certo charme snob, no caso da esposa brasileira, a narrativa tende para o gênero “romance de folhetim”, pois usa traços desse tipo de narrativa. Sabemos que Denise Paraná não mente, que Aristides, o pai de Lula não tinha um bom caráter. No entanto, a intromissão da autora na história de vida de Lula fica por demais evidente quando ela escreve: “E não se sabe se foi por amor ou por acreditar que devia obediência ao marido que ela entregou seu corpo a ele. Com ou sem mágoa, com ou sem prazer, voltava aos braços de seu homem”. Esse trecho da narrativa faz lembrar a letra de um samba canção ou de um bolero.

Há realmente a presença da emoção nessas histórias discursivas ou há mais o desejo de se despertar uma emoção no leitor? Ou, em outras palavras: as emoções que tanto Paraná, quanto Nay tentam mostrar são sinceras ou refletem estratégias discursivas de captação do outro? Sabe-se que a

emoção autêntica demanda uma grande sensibilidade, uma empatia profunda por parte de quem se exprime sobre alguém ou sobre algo. Ora, nem Paraná, nem Nay parecem estar dentro de uma verdadeira ordem patêmica ao narrar fatos do passado de Lula e de Sarkozy e isso é visível porque ambas conferem às narrativas algo de hiperbólico, pelo uso exagerado dos efeitos de ficção.

Porém é fato que todo discurso visa transmitir algo a alguém e o discurso contido nas biografias escritas por Paraná e Nay não escapa a isso. Há mensagens densas, que palpitam sob as palavras das autoras, e que constituem verdadeiros “recados” de ordem política e social, que buscam mais que a adesão à escritura ou à subjetividade das autoras: buscam a adesão à ideologia política professada pelos dois presidentes objetos de seus livros. Lula irá lutar contra a “maldição” do pai, tentando ser justo e leal às suas causas. Sarkozy irá também seguir o seu caminho dentro da via política que escolheu (a do partido U.M.P. da direita francesa) e ser coerente com este caminho.

Algumas palavras para concluir

Qual a função de um “ser narrador” ou a de uma “personagem de ficção secundária” (VUILLAU-ME, 1990, p.60) no âmbito de uma história discursiva? Como conciliar o seu desejo, a sua subjetividade com o desejo e com a subjetividade do ser biografado? Como fazer funcionar livros desse tipo? Talvez a solução esteja nos três princípios sobre os quais falam Boyer e Lochard (1998, p. 5). Ao escrever, todo autor é dominado por um imperativo de captação: tal imperativo visa atingir a um vasto público ou pelo menos, no caso que aqui nos interessa, ao público que acompanha e ama, respectivamente, as vias políticas de Lula e Sarkozy.

Cabe-nos esclarecer que, no livro em questão, Boyer e Lochard se referem a mídias em geral e não ao tipo de relato que agora nos interessa; no entanto, acreditamos que o que eles dizem pode ser transposto a essa espécie de narrativa. Assim sendo, diríamos então que os diferentes autores de histórias discursivas constroem seus escritos levando em conta três princípios. Vejamos cada um deles.

O primeiro está centrado na seriedade de seus ditos (há que se comprovar o que foi dito, pelo menos no que se refere a lugares, datas, pessoas, ações conjuntas). O segundo é o princípio que visa a proporcionar um certo prazer ao leitor. É nesse princípio que encaixaremos as respectivas digressões ou intrusões de Paraná e Nay nas vidas de Lula e Sarkozy. Ao escrever:

“E não se sabe se foi por amor ou por acreditar que devia obediência ao marido que ela entregou seu corpo a ele. Com ou sem mágoa, com ou sem prazer, voltava aos braços de

seu homem. E não demorou a sentir que estava grávida. Mas as horas estavam contadas e novamente Aristides partiu. (PARANA, Denise, 2009, p.40)

e

Para recompensar sua bravura, eles [os ancestrais do pai de Sarkozy] tiveram, em 1628, sua ligação com a nobreza renovada por Ferdinando II, imperador da Áustria e rei apostólico da Hungria. E receberam assim do rei suas armas representadas por brasão: um lobo armado de uma cimitarra (o que daria um esplêndido cartaz em uma campanha presidencial!). (NAY, Catherine, 2009, p.29) (Trad. nossa).

As respectivas autoras adotam o que Charaudeau chama “efeitos de gênero” (1992, p. 698). Para o teórico, existem certas fórmulas que, por serem tão repetidas em determinadas situações discursivas, acabam por levar o leitor a identificar o gênero do discurso onde aparecem. Existem certas frases de efeito, certos enunciados que aparecem sempre nos gêneros romance policial, conto de fadas, contos fantásticos, histórias românticas, etc, etc. Ora, podemos nos apropriar de algumas delas e inseri-las em outros gêneros que o gênero de origem. Tal procedimento provoca o que Charaudeau considera como “efeito de semelhança com um gênero X qualquer” e esse uso, aparentemente sem pretensões, provoca o leitor, faz com que este atente para o que vai ler.

Charaudeau lembra também, com muita propriedade, a existência dos “efeitos de realidade” e “efeitos de ficção” (1992, p. 695). Todas as narrativas os usam, seja de modo consciente ou não, quando se passa de fatos que realmente aconteceram às impressões sobre tais fatos ou quando se fazem digressões sobre o que poderia ter acontecido ou não⁹. O uso de certas figuras de retórica (hipérboles, metáforas, etc.) é também uma maneira -ainda que figurada - de se deixar o real contundente de lado para se entrar em algo mais fluido...

Ora, como todos os escritores, Paraná e Nay também fazem uso desses efeitos, buscam seduzir seus leitores, fazê-los aderir às suas respectivas narrativas, pois, passam com relativa facilidade de “efeitos de realidade” aos “efeitos de ficção”. Note-se que as duas autoras se preocupam com isso: a prova está nas “advertências” que antecipam as narrativas. No caso do livro de Denise Paraná podemos ler: “Apesar de parecer ficção, todos os fatos relatados aqui são reais”. Mas, Catherine Nay, mais ligada à literatura em si, utiliza dois enunciados que saem do “real dentro da ficção”: “A glória é dada somente

9. Para nós, é fácil em certas situações, sair do real para entrar na ficção. Imaginemos por exemplo, o relato que faz um paciente ao seu psicanalista durante uma sessão. Tudo o que ele diz é factual? E seus sonhos? E sua imaginação, onde ficam? Mas este é um caso extremo: o fato é que agimos assim no dia a dia em situações corriqueiras.

para aqueles que sempre sonharam com ela” (Charles de Gaulle) e “O sábio se cura da ambição pela ambição” (La Bruyère).

Finalmente, o terceiro princípio seria o de demonstrar uma certa empatia, ao se escrever: empatia com o ser objeto-tema da escrita, mas também, empatia já voltada para os futuros receptores da escrita, que irão habitar os pensamentos e as palavras de quem redige o tempo todo.

Uma pequena certeza ou uma pequena luz apareceu no final deste artigo. Um texto pertencente ao que chamamos “história discursiva” mostra-se bem livre, bem espontâneo e, logo, bem aberto às intrusões e considerações de seus autores: afinal de contas é um texto que reúne fatos e subjetividades diversas ou em outros termos efeitos de realidade conjugados a efeitos de ficção. Nos excertos analisados, Paraná e Nay desvendaram, cada uma a seu modo, uma época, uma cultura, uma linguagem específica desta cultura. No primeiro caso, podemos visualizar pela escrita, um Brasil pobre, faminto, um modo de falar que indica uma condição humilde (Dona Lindu), a história de mulheres ligadas a homens mulherengos, a “penca” de filhos, a gravidez como dura consequência de alguns momentos de sexo. O Brasil de Paraná tem algo a ver com o Brasil das letras de sambas canções de Noel Rosa ou mesmo de alguns de Chico Buarque que retratam, com bastante poesia, uma feia realidade. Já o relato de Nay é mergulhado em um mundo sofisticado, onde quase se sente o farfalhar de roupas de seda ou o cheiro de perfumes caros em meio a gritos histéricos de mulheres e homens ricos. Uma França sofisticada (ainda que infeliz) se faz ver sob as palavras de Nay. Uma França que ainda glorifica os brasões, as famílias nobres...

Os dois excertos divulgam também a ideologia de quem os escreve e dos seres objeto da escrita: Paraná e Nay; Lula e Sarkozy; Brasil e França; esquerda e direita. Mas os dois textos fazem apelo aos sentimentos do leitor e, assim, embora tão diferentes, estranhamente, se encontram.

Artigo recebido: 21/09/2011

Artigo aceito: 30/11/2011

Referências

BARTHES, Roland. « L’Ancienne Rhétorique », *Communications* n° 16, p.172-229, 1970.

BOYER, Henri et LOCHARD, Guy. *La communication médiatique*, Paris: Mémo, Seuil, 1998.

BRAUD, Philippe. *Petit traité des émotions, sentiments et passions politiques*. Paris : Armand Colin, 2007.

CHARAUDEAU, Patrick. *Langages et discours*. Paris : Hachette, 1983.

_____. Grammaire du sens et de l'expression. Paris : Hachette, 1992.

_____. Petit traité de politique à l'usage du citoyen. Paris : Vuibert, 2008.

CHATEAUBRIAND, René. Mémoires d'Outre-tombe, Paris : Pléiade, 1972.

MORAIS, Fernando. Olga, 17^a. Ed., São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

NAY, Catherine. Un pouvoir nommé désir. Paris : Grasset, 2007.

PARANÁ, Denise. Lula, o filho do Brasil. 3^a ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008.

_____. A história de Lula, o filho do Brasil. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

VANIER, Alain, Eléments d'introduction à la psychanalyse, Paris: Armand Colin, 2002.

VUILLAUME, Marcel. Grammaire temporelle des récits. Paris: Minuit, 1990.